

JOAO MARTINS DE ATHAYDE
OS SOFRIMENTOS
DE ALZIRA



PREÇO DA CASA

Leandro Gomes de Barros

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

Os Sofrimentos de Alzira

Alzira era uma condessa
filha do conde Aragão
desde muito pequenina
que tinha um bom coração
embora que dos seus pais
não fosse essa criação

Porque o conde pai dela
só olhava para o ouro
por isso chamava o cofre
o céu do meu anjo louro
dizia que a alma dele
era a honra e o tesouro

Alzira desde criança
que era compadecida
dava pequeno valor
aos objetos da vida
visitava os hospitais
inda que fosse escondida

Das iguarias da mesa
ela tirava um quinhão
para dar aqueles pobres
que mais tinham precisão
principalmente os doentes
que não tinham remissão

Um dia qu'ela fez ano
o padrinho presentou-a
com uma capa de brocado
que muita caro comprou-a
ela achando-a muito linda
com muito gosto guardou-a

Indo à missa de S. Pedro
a primeira vez botou-a
de volta viu uma criança
gelada, morrendo à toa
ela pegou a criança
tirou a capa, embrulhou-a

Alzira tinha dez anos
quando este caso se deu
ela pegou a criança
nos seus braços aqueceu
antes de chegar em casa
a criança já morreu

Chamou um criado e disse:
conduza este inocente
vá à casa mortuária
faça um enterro decente
pois morreu de fome e sede
nesta praça cruelmente

— Morreu um pobre inocente
em tão grande crueldade
sem encontrar uma mão
de tantas que há na cidade
que a ele se entendesse
com olhos de caridade

Afinal Alzira era
amparo dos desgraçados
mãe dos órfãos e validos

braços e pernas de aleijados
os cegos pobres dali
eram por ela amparados

Alzira uma noite teve
um sonho muito cruel
sonhou que o pai obrigava
ela à força beber fel
numa vasilha de ouro
dizendo: beba que é mel

Ela se acordou agitada
se ajoelhou e foi rezar
depois que acabou a súplica
benzeu-se e foi se deitar
da forma que ela sonhou
tornou de novo a sonhar

Ela por sonho recusava
porém seu pai obrigou-a
dizendo: beba este líquido
que é uma bebida boa
ou bebe o líquido do vaso
ou então amaldiçoa

Ela pegava a taça
e bebia todo o fel
com a amargura do líquido
sofria uma dor cruel
depois um anjo chegava
deva-lhe um cálice de mel

De manhã contou ao pai
o sonho que tinha tido
disse o pai que sonho era
uma ilusão do sentido
e disse: eu quando sonho
não fico surpreendido

Das damas daquele tempo
Alzira era a mais bela
havia o duque Agripino
primo legitimo dela
viu Alzira na igreja
quase enlouquece por ela

Alzira quando o viu
entristeceu de repente
ficou logo muito pálida
nervosa e impaciente
ficou como quem passasse
dois ou três meses doente

O duque pediu-a ao conde
o conde disse que dava
Alzira disse ali mesmo
que com ele não casava
o duque quando ouviu isso
como criança chorava

Disse o conde: oh! minha filha
você assim obra mal
ele é duque e é seu primo
provem de sangue real
é como nós, decendente
dos reis de Portugall.

Alzira disse: eu não caso
pois me faz repugnar;
disse o conde: pois de mim
não deves nada esperar
de hoje em diante até a bênção
eu não hei de te botar

Aí Alzira lembrou-se
do que havia sonhado
e disse logo consigo:

é triste o meu resultado,
um sonho como o que tive
é difícil ser errado

Sonhou que um anjo chegava
e lhe mostrava uma luz
dizendo: isto é uma carta
enviada por Jesus
aceite a taça de fel
como ele aceitou a cruz

— Quando estiveres aflita
não te maldigas da sorte
tenha confiança em Deus
ainda encarando a morte
se conhece o bom guerreiro
quando a luta é muito forte

— Porque aonde Deus anda
fica a verdade plantada
a mentira se afugenta
corre doida dispersada
descobrirá a si própria
para assim ser castigada

Então disse Alzira ao pai
que aceitava o casamento
dizendo: meu pai, aceito
com gosto meu sofrimento
seja por Deus tudo isto
vou começar meu tormento

O duque Agripino disse:
vou preparar um condado
hei de fazer um palácio
que depois de edificado
faça inveja a qualquer um
que for por ele avistado

Edificou um palácio
com 30 metros de frente
das obras daquele tempo
ele foi o mais imponente
quem o visse ainda de longe
achava-o muito decente

Depois de pronto o castelo
foi ao conde de Aragão
disse que tinha aprontado
toda sua habitação
foi aí marcado o tempo
para a realização

Foi marcado o casamento
para cinco de setembro
o noivo casou doente
só veio no mês de novembro
aí só podia ser
no dia seis de dezembro

Isso era um dia de sábado
o sol surgia dourado
o mar batia tão quieto
o vento estava parado
o espaço parecia
um manto todo azulado

Na sexta-feira de noite
Alzira tinha sonhado
que chegava a tal criança
que ela tinha embrulhado
em traje de mensageiro
e dava a ela um recado:

—Manda te dizer Jesus
que vais entrar numa luta
com uma fera endiabrada

uma alma absoluta
e havia de cair
numa mão tirana e bruta

Disse: tu hás de habitar
no condado mais bonito
mas não te iludas com ele
pois é um cárcere maldito
doouro dele e que sai
o ferro frio esquisito

Sonhou que o pai e o marido
beijavam-na muito contentes
e depois os mesmos dole
se transformavam em serpentes
querendo beber-lhe o sangue
e rasgá-la com os dentes

Mas uma voz lhe dizia:
não te esqueças de Jesus
das palavras que ele disse
antes de subir na cruz:
"atrás de ti vão as trevas
depois eu mando-te a luz"

Acordou e levantou-se
e foi rezar o officio
e disse: são quase horas
d'eu marchar para o suplicio
qual o filho de Maria
na noite do sacrificio

Afinal surgiu o sol
os raios como uns cristais
fazendo gotear pérolas
dos ramos dos matagais
Alzira tão solitária
como os mundos vegetais

Quando soavam dez horas
pôs-se o sino a anunciar
que o cardeal D. Nilo
estava próximo a chegar
Alzira se ergueu do leito
se ajoelhou foi rezar

Abriu o seu santuário
e começou a oração
com os olhos cheios de lágrimas
três vezes beijou o chão
fitando os olhos no céu
com a seguinte exclamação:

—Jesus, cordeiro de Deus
que ao mundo foste enviado
em comissão do Eterno
para apagar o pecado
pelo amor de Deus sem mancha
sêde meu advogado!

Aí vestiram Alzira
e foi ela se casar
o sol mudou de repente
a luz querendo embaçar
então uma ave agoureira
não deixava de cantar

No ato do casamento
deu um enorme trovão
mesmo na hora que Alzira
cruzou com o noivo a mão
caiu um raio bem no centro
do castelo de Arsgão

—Oh! Deus! exclamou o conde
já bastante admirado
parece que foi propósito

este caso ter se dado?
disse o duque: é por causa
do ar muito carregado

Estavam comentando isso
quando um criado acudiu
disse ao conde: em vossa casa
um raio agora caiu
vinha com tamanha força
que a casa toda aluiu

Então voltaram do templo
todo mundo espavorido
Alzira como uma estátua
deu o braço ao marido
via-se nela as feições
de quem havia morrido

Devido a essa catástrofe
o festim não teve graça
só a tristeza de Alzira
entristeceu toda a praça;

—Mal empregado!... era a voz
que dizia o povo em massa

O conde aí confessou
ter grande arrependimento
de ter se comprometido
a fazer tal casamento
porque tudo dava indício
dum mal acontecimento

Então o duque Agripino
levou Alzira a Bruxelas,
ia sorrindo com tudo
tanto gosto tinha nela
porque não tinha na Bélgica
uma que fosse tão bela

O duque tinha um irmão
o Ernesto de Sancher
assim que Alzira chegou
Ernesto foi logo a ver
quando ela olhou-o, lágrimas
viu-se em seu rosto descer

Ernesto quando avistou-a
criou logo uma paixão
duma maldade infernal
encheu-se o seu coração
jurou conquistar Alzira
e envenenar o irmão

Mas si conheceu logo
que Alzira o repugnou
não quis olhar para ele
nem bem o cumprimentou
perguntou ele a si mesmo:
que remédio aí eu dou?

Alzira à noite sonhou
que o pai do duque Agripino
mandava chamar o filho
e ele ia sem destino
deixando junto com ela
o inimigo assassino

Fazia um ano e um mês
que Alzira tinha casado
quando um dia às 11 horas
o duque estava a seu lado
um portador do pai dele
deu-lhe o seguinte recado:

—Manda dizer vosso pai
que está quase perdido
a Grécia lhe propôs guerra

esta sendo perseguido
e se não for vossa alteza
breve ele será vencido

—Manda dizer que vá logo
não fizesse demorar
que os inimigos estão fortes
ele não pode lutar
deixe o reino a Dom Ernesto
até sua alteza voltar

Então depois entregou-lhe
um pequenino cartão
que mandava dar lembrança
a duquesa de Aragão
em baixo vinha assinado
«teu pai duque de Milão»

Alzira ficou imóvel
quando o homem terminou
veio-lhe no pensamento
o que ela há dias sonhou
ai refletindo tudo
baixou a face e chorou

Disse o duque: minha filha
eu parto para Milão
leve-te na minha mente
deixo-te meu coração
fica o reino aqui entregue
a ti e ao meu irmão

E partiu no mesmo dia
para a terra de Milão
Ernesto passou a noite
na maior perturbação
as maldades mais enormes
tomavam-lhe o coração

Adormeceu um instante
sonhou que Alzira chegava
e dizia: Ernesto, eu te amo;
e com ele se abraçava
dizendo: desde pequena
que teu amor conservava

Ernesto no outro dia
foi a ela visitar
com umas frases fingidas
dizendo: a vim consolar;
Alzira entrou para o quarto
nem o mandou se sentar

Na outra noite sonhou
que Alzira a ele dizia:
eu nasci foi para ti
inda sou tua um dia
esse desprezo que dou-te
não é mais que fantasia

Ele no dia seguinte
mandou a ela um cartão
lhe dizendo: minha prima
«do que tiver precisão
«mande ver que estou aqui
«à sua disposição

Quando ela leu o cartão
ficou tão repugnada
dando a conhecer a todos
que ficou muito maçada
disse apenas ao criado:
eu não preciso de nada

O duque escreveu a ela
num lindo cartão dourado
lhe dizendo que sentia

grande saudade e cuidado
falou num grande segredo
entre ele e ela passado

Já cinco meses faziam
que o duque tinha saído
Ernesto fez uma carta
em nome desconhecido
dando noticia a Alzira
que o duque tinha morrido

Então Alzira lhe disse:
meu marido não morreu
porque fazem quatro dias
que de Milão me escreveu;
foi apenas o que lhe disse
atenção mais não lhe deu

Os olhos dele ficaram
como chamas de vulcão
premeditou logo um falso
para contar ao irmão
estudando qual o meio
de lhe roubar o cartão

Ernesto chegou em casa
recolheu-se ao aposento
como a pessoa que está
em grande constrangimento
tinha medo de si próprio
dava-lhe até passamento

Exclamou ele consigo:
eu só queria saber
se há o diabo que dizem
para me favorecer
para ver se ele fazia
Alzira inda se render

—Eu lhe dava se exigisse
todos possuídos meus
todos prédios que possuo
de hoje em diante eram seus
lhe dou até por escrito
a parte que tenho em Deus

Nisso adormeceu um pouco
viu uma sombra chegar
dizer: Ernesto, te cala
eu vou por ti trabalhar
farei por ti o possível
a fim de Alzira te amar

—Basta que diga e sustente
que de Deus não quer saber.
que farei todo possível
para ela se render
até... ela está dormindo
vou ver se é posso colher

Alzira estava dormindo
viu chegar um anelão
lhe dizendo: minha filha
te faço revelação
não despreze teu cunhado
que é tua salvação

Por sonho ela respondia:
serás o mau inimigo
que saíste do inferno.
e vens ter aqui comigo?
eu sou da parte de Deus
não vou consultar contigo

Então respondeu-lhe o velho:
teu marido há de morrer
e depois da morte dele

tu entrarás a sofrer
Ernesto sendo por ti
te pode favorecer

—Esse negócio de honra
não quer dizer quase nada
pois Maria Madalena
não foi mulher debandada
praticou todos os crimes
não é bemaventurada?

Alzira aí despertou
abriu o seu santuário
exclamou: oh! Jesus Cristo
pela noite do calvário
defendei-me dessa fera,
inimigo sanguinário!

Ainda viu uma sombra
que de seu quarto saiu
ouvio um grande gemido
quando o santuário abriu
um anjo com duas asas
na frente dela' sentiu

Ernesto aí acordou
quando a sombra pôz-lhe a mão
disse-lhe a voz invisível,
descansa teu coração
hoje não arrumei nada
mas ganho ainda a questão

Ernesto no outro dia
mandou a ela um cartão
dizendo: «minha cunhada
«faço-te está confissão
«sou obrigado a dizer-te
«que te amo de coração

«E sus alteza bem pode
«conhecer o que é amor
«é uma chama de fogo
«que arroja com tal furor
«abrsa mais do que layas
«a alma do amador

«Inda o duque estando vivo
«dele eu posso me livrar
«tenho um preparado quimico
«com que eu posso o matar
«ele tomando esse liquido
«al podemos casar»

Então Alzira escreveu-lhe
mandou-lhe logo dizer
que ele fizesse o favor
de um dia se conhecer
que do seu atrevimento
o duque havia de saber

E que a respeitasse
como ela merecia
procurasse uma bandida
que era quem lhe pertencia
se tornasse a fazer outra
ela ao marido dizia

Ele ficou como um cão
que está com a hidrofobia
deitava fogo na venta
como cobra se mordia
jurou que aquele desprezo
Alzira lhe pagaria

Alzira tinha uma áia
em quem muito confiava
Ernesto viu que só ela

um jeito nisso lhe dava
pensou logo em fludi-la
pois só assim se vingava

Fez-lhe uma carta be-a-feita
mandou-a por um criado
mandando dizer a ela
que estava apaixonado
dizendo: «entre as mais damas
«só em ti achei agrado

«Desejo uma entrevista
«com toda sinceridade
«não permito que a senhora
«baixe à dignidade
«pode confiar em mim
«porque tenho honestidade

«Mas tenho que advertir-lhe
«prevenir-lhe enquanto é cedo
«veja que minha cunhada
«não divulgue este segredo
«o fidalgo é muito rico
«de tudo forma um enredo»

A áia ficou pensando
como poderia ser
um fidalgo amar a ela
ela não podia crer
depois disse: só se Deus
quiser me favorecer

Teve sempre a entrevista
Ernesto lhe declarou
a paixão demasiada
que desde que a viu tomou
ali diversos segredos
a áia lhe revelou

Como bem, fossem os cartões
que o duque tinha mandado
um segredo que não podia
a ninguém ser revelado
Ernesto pediu-lhe: traga-os
que lhe serei obrigado

A áia trouxe os cartões
entregou-os a Ernesto
disse ele; Alzira agora
conhece pra que eu presto
isto é um documento
com isto aqui eu atesto

Foi ver um copo de vinho
deu a áia, ela bebeu
dizendo logo consigo:
desta aqui livre estou eu;
a áia foi para casa
de madrugada morreu

Faziam um ano e dois meses
que o duque tinha saído
ele na guerra e em casa
ser por um falso traido
isto é, por seu irmão
foi ele assim ofendido

O maldito do irmão
soube quando o duque vinha
foi encontrar-lhe e depor-lhe
toda maldade que tinha
Alzira tão inocente
como qualquer criancinha

Mostrou os cartões ao duque
dizendo que ela lhe deu
o duque chorou de raiva

quando os 4 cartões leu
ele contou-lhe a miúdo
o falso que concebeu

Disse que Alzira foi ter
no quarto que ele dormia
manifestando por ele
uma grande simpatia
pedindo que o matasse
que com ele casaria

O duque vinha a cavallo
e quase que cala da sela
rugia como um leão
quando imaginava nela
dizia: eu não faço nada
sem falar com o pai dela

Quando ele chegou em casa

Alzira o foi receber

quando ele avistou Alzira

ficou quase a se morder

disse: faça-me o favor

de a mim não aparecer

Alzira entrou em soluços

e foi fazer oração

um anjo veio por sonho

e lhe fez revelação

o duque aí escreveu

para o conde de Aragão

Ao cabo de quatro dias

o conde na corte chegou

foi ao palácio do duque

para a filha não olhou

ela tomou lhe a bênção

mas ele não lhe botou

Era meia-noite em ponto
o duque a ela chamou
e ali perante ao pai
o fato se propalou

Alzira inda quis falar
mas o duque não deixou

— Maldita! disse o conde
você para a morte vai
porque é o que merece
todas que o marido trai!...

Alzira olhou e disse:
muito obrigada, meu pai

Disse o conde: há uma ilha
longe daqui e deserta
levem ela e matem lá
é esta a sentença certa
cavem 1 buraco e botem-na
e deixem a sepultura aberta

Foram três homens casados
3 mulheres acompanharam
com três dias de viagem
na dita ilha chegaram

— É aqui... disse um dos três
aí todos esbarraram

Alzira pediu a eles
que lhe dessem permissão
pra escrever duas cartas
e rezar uma oração
encomendando su'alma
podiam matá-la então

— Pode escrever, lhe disseram
e fazer sua oração
pode encomendar-se a Deus

de todo seu coração
a desgraça é uma coisa
que não tem excepção

Então Alzira aí disse:
quero fazer um pedido
para o senhor entregar
esta carta a meu marido
e outra entregue a meu pai
se ainda não tiver saído

Uma das cartas narrava:

«senhor duque de Sancher
«nunca lhe fiz um pedido
«agora vou lhe fazer
«o senhor veja esta carta
«tenha a bondade de a ler
«Lêa todo conteúdo
«desta carta que aí segue
«que quando você saiu
«poucos dias foi-me entregue
«interrogue o traidor
«que talvez ele não negue
«E corra às gavetas dele
«que lhe garanto encontrar
«a resposta desta carta
«para me justificar
«que permitido por Deus
«ele não pode negar

Na mesma carta do duque
ela botou o cartão
que Ernesto mandou a ela
lhe declarando a paixão
onde prometia a ela
envenenar o irmão

«Não faltam mais 10 minutos
«para eu deixar de existir
«perdão os meus assassinos
«antes de eu me concluir
«entrego minh'alma a Deus
«estou pronta, posso seguir

«Torno a pedir-te por Deus
«que perdôe o teu irmão
«um espirito imundo e fraco
«onde só coube a traição
«uma alma sem consciência
«um corpo sem coração

«De minha parte eu perdôo
«de todo meu coração
«a elle, a ti e a meu pai
«toda esta ingratidão
«Deus disse: em sangue maldito
«veja, não te suja a mão

«Ao ver-te a primeira vez
«ll logo em teu coração
«fanatismo sem amor
«vingança e ingratidão
«no mais até tua morte
«a duqueza de Aragão»

—Permita-me escrever outra
para o conde de Aragão
e peço a um dos senhores
entregá-la em sua mão
para elle conhecer
que me matou sem razão

«Meu pai, Alzira narrava
«por um Deus Onipotente
«abençoa! esta vitima

«que o senhor fez cruelmente
«depois de criar com zelo
«mata-a rigorosamente!
 «Eu fui uma pobre ovelha
 «criada por um pastor,
 «esse depois de criar-me
 «perdeu de mim o amor
 «entregou-me à força bruta
 «a um lobo deverador
«Seu genro tem um cartão
«que o irmão dele mandou-me.
«o senhor leia o cartão
«veja o que ele tratou-me
«veja eu por ser honrada
«o senhor assassinou-me!
 «Eu ficarei sobre um túmulo
 «o senhor num paraíso
 «meus olhos gotejam lágrimas
 «seus lábios brotarão riso
 «no mais, aceite um adeus
 «até dia de juizol»

Depois de acabar as cartas
pôs a mão no coração
dizendo: agora, senhores
só me falta uma oração
acabando essa, me matem
está concluída a missão

Ajoelhou-se a fitou
para o céu os olhos seus
exclamando muito humilde:
meu Jesus, rei dos Judeus
valei-me na última hora
peço pelo amor de Deus!

—Perdão em nome de Deus
a quem me mandou matar
como também estes três,
inda torno a perdoar
porque a força vieram
minha vida liquidar!

—Oh! meu Senhor Jesus Cristo
Deus é homem verdadeiro
pastor das almas perdidas
redentor do mundo inteiro
vinde assistir vossa serva
no momento derradeiro!

Nisto os três encarregados
viram chegar um cordeiro
que chegando junto a Alzira
lançou um olhar ligeiro
dizendo: fica em paz
filha de Deus verdadeiro

Eram os três encarregados
Berto, Lúcio e Martinez
olhava um para o outro
cada um por sua vez
dizia: eu não toco nela;
assim diziam os três

Martinez disse: senhora
em nome de Deus eu juro
embora eu morra, não lavo
as mãos em teu sangue puro
queres voltar? Te levamos
a Deus pertence o futuro

Disse Alzira: Martinez
agradeço muito a ti
Deus há de te acompanhar

vão em paz, eu fico aqui
quando um dia procurar-me
estou naquele monte ali

Despediram-se de Alzira
todos três foram embarcar
encontraram muitas pérolas
na beira daquele mar
que cada um desses três
levou com que enricar

Quatro dias de viagem
levaram para voltar
chegaram tarde da noite
não puderam mais falar
ao duque mais ao conde
nada puderam tratar

A carta que foi ao duque
Martinez foi entregar
mas quando o duque a viu
antes dele lhe falar
disse logo: sobre Alzira
nada me venha tratar

A carta que foi ao conde
Martinez foi a levar
o conde vendo-a também
antes dele lhe falar
disse logo: sobre Alzira
nada me venha tratar

Ele voltou com as cartas
por não poder entregar
guardou-as pra quando eles
mandasse ali o chamar
todos tinham medo deles
nada podiam tratar

Assim passaram dez anos
o duque sempre sentindo
parecia estar ouvindo
de Alzira um gemido
e uma voz perguntar-lhe:
então já estás esquecido?

Então o duque Agripino
estava dormindo, sonhou
que passava pela ilha
que Alzira se sepultou
viu ela sobre um altar
e a face a ele virou

Por sonho ela perguntava:
minha carta, o senhor leu?
Martinez foi entregá-la
o senhor não recebeu?
procura qu'ele ainda tem
veja o que foi que se deu

O duque aí despertou
pegou a imaginar
dizendo: será Alzira
que não pôde se salvar
aquela grande traição
fez ela se condenar?

Depois disso adormeceu
inda tornou a sonhar
que Alzira tornou a vir
dizer-lhe: mande chamar
Martinez que tem a carta
para me justificar

Tornou ele a despertar
e não pode mais dormir
dizendo: não é possível

Alzira mais existir
foi uma morte que fiz
toda vida hei de sentir!

Às 6 horas levantou-se
e foi para o pavilhão
disse um criado: essa noite
chegou uma embarcação
parece que chegou nela
o conde de Aragão

O duque disse ao criado:
você com urgência vá
em casa de Martinez
lhe diga que venha cá
diga que eu mando dizer
que não se demore lá

Quando Martinez chegou
estava o conde de Aragão
Martinez que já trazia
as duas cartas na mão
a cada um deu a sua
nessa mesma ocasião

Quando o duque abriu a carta
que leu todo o conteúdo
ficou como uma estátua
como quem é doido ou mudo
pôs a mão sobre a cabeça
quase enlouquece de tédio

O conde ficou imóvel
sem palavra articular
e exclamava: oh! minha filha
teve razão de falar
no lugar que tu morresse
irei me suicidar!

Foram às gavetas do monstro
acharam a carta guardada
escrita já há dez anos
não tinha letra apagada
já permitido por Deus
foi ela aí conservada

Ernesto estava dormindo
sonhou que ia morrer
acordou e contou tudo
sem ninguém nada dizer
até da morte da áia
o duque pode saber

Aí o duque Agripino
não pode mais suportar
lançou a mão do alfange
quis o irmão degolar
mas como Alzira pediu-lhe
ele não quis o matar

Perguntaram a Martinez:
aonde você a matou?
disse Martinez: de nós
um nela a mão não tocou
qualquer um fica assombrado
sabendo o que se passou

Aí prenderam Ernesto
foram à ilha de Salomão
disse o duque: vamos ver
os ossos dela onde estão:
foram o duque e os homens
e o conde de Aragão

Foram todos bem munidos
cada qual mais preparado
então no mesmo navio

levaram Ernesto algemado
pra aonde achassem os ossos
mataram ele queimado

Foram diretos ao lugar
que Alzira tinha ficado
acharam a sepultura
que os homens tinham cavado
então acharam uma carta
que Alzira tinha deixado

Tinha na carta o seguinte:

«quando alguém me procurar
«vá ao pé daquele monte
«onde pode me achar;
então via-se uma serra
confronte a esse lugar

Precisa agora tratarmos
da forma que ela ficou
as aflições que sentiu
quando na ilha se achou
às nove horas da noite
o susto que ela tomou

Depois que ela ficou só
pegou a pensar na vida
nos carinhos que gozou
duma mãe terna e querida
depois naquele deserto
per todo mundo esquecida

Recordava-se das horas
que ao colo do pai dormia
os beijos de sua mãe
que dormindo recebia
com essas recordações
ainda mais se affigia

Pousou as faces nas mãos
exclamando: eu merro aqui
quando viu uma mulher
dizer-lhe: Deus é por ti
quem vai te ensinar a casa
espera que vem ali

Então lhe disse a mulher:
eu sou mãe dos desvalidos
amparo dos desgraçados
glória dos arrependidos
consoladora dos tristes
doçura dos affligidos

Ainda a mulher lhe disse:
deixe estas feras contigo
eis aí um leopardo
te servirá como amigo
tua casa é uma cova
viva lá, cante comigo

Ela foi para uma furna
que no pé da serra havia
fez uma cama de leno
na cova onde dormia
todas as frutas do vale
era o que Alzira comia

Um leopardo e um tigre
de Alzira não se apartavam
ela dormia na alcova
eles na porta ficavam
dois pombinhos muito alvos
na cama dela pousavam

Agora nos ocupamos
com o conde de Aragão
quando viu a sepultura

esfriou-lhe o coração
si o duque Agripino
quis degolar o irmão

Só as pedras não cheravam
vendo o conde de Aragão
o rosto inundado em lágrimas
ajoelhado no chão
até as feras cheravam
vendo aquela exclamação

— Oh! quanto seu criminoso
pai desgraçado sou eu
não ter dô duma innocente
que aqui sem culpa morreu
não há serpente que tenha
um coração como o meu!

Foram em procura da cova
como na carta dizia
Ernesto ficou ali
com os ferros que trazia
algemas, grilhões, correntes
que ali não se bolla

Eram dez horas do dia
quando elles dall pegoiaram
eram seis horas da tarde
quando a Serra descobriaram
a noite se aproximava
fizeram logo e dormiram

Martinez, o duque e o conde
a noite toda velaram
Lucio, Berte, esses tambem
muito pouco se deitaram
devido as feras que havia
a noite em claro passaram

De manhã viram uma cova
que dava u'a grande entrada
por debaixo da montanha
sendo com pedra forrada
viram uma cama onde esteve
uma pessoa deitada

Depois no centro da cova
ouviram gente cantar
um hino ao Sacramento
perfeitamente entcer
uma voz tão sonorosa
que fazia admirar

Então o hino dizia:
vinde a mim, oh! Sacramento
já que sois o pão vivo
que me serve de alimento
só sinto fome em vós
só em vós achei sustento

—Vós sois a gula dos cegos
remédio do moribundo
asilo dos desterrados
sem patria, sem lar no mundo
quem arrima órfão sem pai
quem agrega o vagabundo

Disse o conde de Aragão:
vamos ver quem canta ali
não é gente deste mundo
é visão que tem aqui:
disse o duque: tenho idéia
que aquela voz já ouvi

Foram entrando pela cova
e à voz sempre seguindo
um cheiro muito agradável

iam na cova sentido
sairam em cima do monte
o mesmo canto iam ouvindo
 Já ao chegar no lugar
 que Ernesto tinha ficado
 viram Alzira que seguia
 cantando no meio do prado
 atrás d'la duas feras
 um tigre e um leopardo

— É elal exclamou o conde
deu-lhe uma síncope e caiu
Alzira olhou para traz
quando o pai caído viu
disse às feras: não se movam
voltou, ao pai acudiu

 O duque Agripino quis
 aos seus pés se ajoelhar
Alzira não consentiu
mandou o se levantar

 — Não sou Deus, dizia ela
 para ninguém me adorar

O duque voltou a si
em soluço sufocado
dizia à filha: perdoa
a este pai tão malvado!
disse Alzira: eu perdoei
desde quando foi passado

 O duque Agripino pálido
 como quem estava doente
dizia: eu sou um malvado
obrei mal completamente
 não consultei a razão
 mandei matar-te inocente!

—Você hoje é meu juiz
marque a pena que quiser
marque pra mim o castigo
a maior pena que houver...

—Seu castigo é perdoar
Ernesto onde estiver

Então Alzira rompeu:
ouçam meu pai e marido:
quem segue o trilha de Deus
é sempre favorecido
tem tudo que desejar
assim não seja fingido

--Perante a Deus o tesouro
é corpo inutilizado

Deus para vencer questão
não precisa advogado
tendo a razão e a virtude
tem um juiz a seu lado

--Eu fui vítima desse falso
foi morrer como se viu
mas Deus ciente de tudo
olhe como ele acudiu
o cálculo do traidor
a ele nada serviu

O tigre aí vendo eles
rosnando se levantou;

--Se aquetel desse Alzira
a fera quieta ficou
aí o duque Agripino
dessa ação se admirou.

Então ela viu Ernesto
sobre a campina estendido
saindo sangue do corpo

o peito muito ferido
com os olhos lítos no céu
mas já quase sem sentido

— Que infeliz é aquele
que está no último da vida?

— É meu irmão, disse o daque
por quem tu foste traída;

— Que desgraçal exclamou ela
que mão de fera homicidal

— É o que pode sair
do teu negro coração
este teu peito de fera
só tem nele ingratitude
um urso talvez ouvisse
os gritos do teu irmão

— Tu também não merecias
os ferros por sua vez?
o crime não foi só dele
foi incluído nos três
tu fizeste mais a Deus
do que teu irmão me fez

E marchando para Ernesto
as correntes lhe tirou
disse: levanta-te, infeliz
o diabo te tentou
vai pedir perdão a Deus
a culpa te condenou!

Ernesto baixou a face
em soluços se afogando
não podia olhar Alzira
a face a ela ocultando;

— Eu não já te perdoei?
disse ela soluçando

—E torno a te perdoar
de todo meu coração
alem de seres carrasco.
tambem não és meu irmão?
vai chorar os teus pecados
que Deus te dá o perdão

Vês estes 2 pombos brancos
que comigo conviviam?
são almas de duas virgens
que pobremmente viviam
deram a vida pela honra
venceram quem as perseguiam

Ernesto pediu a ela
visto em lhe perdoar
ele ficaria ali
para os pecados pagar
ela disse: criminoso
aqui não pode ficar

-Isto aqui é um jardim
da Virgem da Soledade
vivem aqui os escolhidos
da Divina Majestade
o que despreza o tesouro
e preza a honestidade

Disse o conde de Aragão:
quero fazer-te um pedido
em nome da Divindade
acompanha teu marido
ele promete que agora
ficará arrependido

Partiram todos da ilha
marido, pai e cunhado
Berto, Lucio e Martinez

que a tinham ell deixado
ao partir ella abraçou
o tigre e o leopardo

Ernesto chegou em casa
não se podia conter
toda hora e todo instante
ouvia uma voz dizer:
teu crime foi perdoado
mas ainda tem que sofrer

Ele vendeu o que tinha
deu aos necessitados
saiu como um peregrino
desses pobres desgraçados
pra ver se assim podia
inda expiar seus pecados

Já faziam vinte anos
que Ernesto peregrinava
mas não deixava de ouvir
uma voz que lhe avisava
que as lágrimas de Alzira
ainda um dia omolhava

Foi se empregar numa chácara
dum orgulhoso que havia
u'a alma igual a Ernesto
que pouco se distinguia
um monstro sem consciência
a quem Deus eborrecoia

Esse tinha uma filha
que de Ernesto se engraçou
Ernesto estava na chácara
quando ella se declarou
dizendo: eu te amo muito;
mas Ernesto a recusou

Ela irada com Ernesto
um falso lhe levantou
disse ao pai: seu jardineiro
hoje a mim desrespeitou;
o pai ficou muito irado
quando a filha terminou

Ele chamou 3 sicários
disse que a Ernesto levassem
pra uma serra que havia
os olhos lhe arrancassem
cortassem-lhe ambas as mãos
e no deserto o deixassem

Era meia-noite em ponto
nem mesmo ave cantava
a lua pálida e fria
no espaço flutuava
Ernesto sobressaltado
nessa hora inda velava

Então chegaram os sicários
deram-lhe voz de prisão
perguntou Ernesto a um:
que queres de mim, irmão?
—Ensiná-lo a namorar
a filha do seu patrão

Ernesto aí se lembrou
do seu antigo passado
disse: senhores, estou pronto;
o levaram amarrado
às seis horas da manhã
chegaram ao ponto marcado

Então disseram a Ernesto
tudo que iam fazer
Ernesto pediu a eles

para um lhe esclarecer
então disseram-lhe tudo
que ouviram o patrão dizer

Aí lhe arrancaram os olhos
ambas as mãos lhe cortaram
esvaído em muito sangue
nesse deserto o deixaram
sem ele poder voltar
ali o abandonaram

Quando ele tornou a si
ouviu uma voz dizer:
perdoa teus inimigos
pois estás próximo a morrer;
era um monge que achou-o
mas nada pode fazer

Ernesto se confessou
descobriu na confissão
o que fez com a cunhada
com o tio e o irmão
disse o monge: assim só eles
podem te dar o perdão

Pode botá-lo nas costas
ocultamente o levar
escondeu-o num convento
e mandou participar
ao duque de Bruxelas
para mandá-lo buscar

Aí quando Alzira soube
insistiu com o marido
que fosse ver o irmão
que não tinha inda morrido
e com certeza estaria
do que fez arrependido

O duque mandou buscá-lo
e Alzira foi o tratar
então ela lhe dizia:
Deus há de te perdoar
não há filho neste mundo
para Deus desamparar

--Se a justiça perguntar
quem te mandou fazer isto
oculta muito em segredo
como disse Jesus Cristo
esquece o mal a ti feito
que te salvas, está bem visto

--Perdoa a esses cruéis,
que os olhos te arrancaram
pede a Deus por todos três
que a caridade faltaram
são esses cegos do mundo
com vista nada enxergaram

E aí expirou Ernesto
com a maior contrição
no pé do grande altar
da Virgem da Solidão
Alzira ouviu uma voz
dizer-lhe: está o perdão

Leitores, eis um exemplo
este que aqui escrevi
a vida traz isto tudo
outra coisa eu nunca vi
Deus paga o bem com o bem
grande é aquele que tem
o amor de Deus em si

Lira Nordestina

Maria de Jesus Silva Diniz

Grande variedade de folhetos e orações
Rua Sta. Luzia, 263 — FONE 511-0066
Juazeiro do Norte — Ceará

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA
Mercado S. José — Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

ANTONIO ALVES DA SILVA
Mercado Central Box 127
Terezina Piauí

MANOEL PINTO DA COSTA
Praça do Mercado Central 33
6705 3.º cabal Maranhão

MARIA JOS DA SILVA
Rua Prof. João Severo, 70
Bayeux Paraíba

SEVERINO JOSE DOS SANTOS
Rua Sag. Paulo Lopes 695
Lote 4, final de Ombre 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES
Av. Santana do Ipanema, 315
Bairro Cruz das Almas — M. G.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).